

ENSAIO

Ensaio sobre vivências:

Fricção de Borboletas

Diego Paleólogo Assunção¹

Vinícios Kabral Ribeiro²

Resumo: Este ensaio tem como objetivo articular as tensões de experiências passadas dos autores, imagens de arquivo pessoal e imagens de narrativas audiovisuais da cultura pop. A partir da estratégia da montagem e da construção subjetiva e ensaística de uma narrativa, investigamos nossas vivências, infâncias e relações afetivas. O que baliza esse mergulho nas imagens são as epistemologias que emergem de nossas práticas pedagógicas: aventuras em outras estratégias epistemológicas, recusa e desorganização dos saberes coloniais do corpo. Se a política é a prática da visibilidade, o sensível deve emergir de experiência singulares que possam ser expandidas para o coletivo. As borboletas se hibridizam como corpos que se cruzam, se contaminam e se separam – quais imagens nos definem? Quais memórias temos a capacidade de resgatar e re-representar.

Palavras-chave: fricção de borboletas; reparação; cura

Esse é um exercício autobiográfico, uma fricção das memórias. Fricção no sentido de esfregar as memórias, produzir atrito e encaixes; fazê-las colidir e criar outras possibilidades de vida no presente. Tomar a mecânica dos carrinhos de fricção com os quais brincávamos na infância (muit@s de nós éramos, talvez, impelid@s a esses brinquedos dentro do regime binário masculino *versus* feminino) e transformá-la em uma (auto)ficção que gere impulso, potência e força.

A metodologia desse ensaio/exercício se encontra na amalgama das vozes dos autores, na cartografia afetiva, coreografias da escrita, constelações, escavações, colagem surrealista e em uma montagem textual. As pistas se revelam na composição propositalmente fractal, trechos interrompidos como memórias, narrativas continuadas na ficção.

¹Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pós doutorando em Comunicação, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Email: diego.paleologo@gmail.com

²Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor Adjunto da Escola de Belas Artes da UFRJ. Email: vrkabral@eba.ufrj.br

1. Borboletas, mariposas

O que elas não sabiam de si era tão assustador que me sentia como se tivesse violado uma sepultura fechada havia vários séculos. A maldição cairia sobre mim: ninguém me perdoaria jamais se soubesse que eu ousara (ABREU, Caio Fernando de. 1996, p. 100).

Estamos nos interstícios das sociabilidades. Os corpos, amores e desejos classificados como abjetos se escondem mais abaixo dos subterrâneos³. Ovos e larvas são cuidados por formigas até que se tornem lagartas adultas e possam sair para produzir casulos e transformarem-se em borboletas.

Nessas narrativas valem outros tempos e alianças improváveis. O tempo da cura, o tempo do casulo (em uma relação dialética ao tempo e à estrutura do armário, como imaginada por Eve Sedgwick). Casulo como tecnologia de proteção e cura; lugar para metamorfoses. Resta o invólucro vazio como memória, resíduo e ruína; como casas possíveis.

Metamorfoseadas, as borboletas carregam imagens nas asas: para seduzir, para avisar, para camuflar, para afastar. Borboletas, não raramente, aparecem como metáforas – conduzem, também, o pólen de um lugar ao outro. Metáforas políticas, metáforas das estranhezas coloridas e delicadas dos corpos dissidentes, imagens politicamente informadas de outros mundos e corpos possíveis (BRAIDOTTI, 1998).

2. É possível amar sem morrer?

Nos espaços da necropolítica anunciada, as imagens assumem/adquirem proporções excessivas, penetram em nossos sentidos e nos violentam. *Necroimagens*: as repetições frias de discursos requentados. A questão do tópico surge das notícias que lemos e compartilhamos em nossos infinitos *fiões* sobre mortes, espancamentos e todo um cardápio mórbido de agressões sofridas por corpos que estavam apenas andando de mãos dadas ou se beijando ou trocando afetos. Aqui, nesse exercício, vamos polinizar – *pólen*, informações, figurações – como esses insetos: levar as memórias de um corpo ao outro, hibridizar(-nos), expandir as termina_ ações para presentifica_ ações.

A partir de imagens que se recusam a deitar no esquecimento (traumas, rupturas, amores, descobertas, desenhos animados, cartas, fotografias), imaginar o passado no

³ Carlos Drummond de Andrade, Congresso Internacional do Medo – trecho – tão pertinente na atualidade.

presente através de uma estratégia dialética benjaminiana: gerar uma imagem, uma figuração que sustenta distintos tempos, afetos e desejos em uma nova constelação, algo que precisa existir no agora (ROSE, 2003).

As epistemologias e pedagogias da vida do presente.

Buscar no cruzamento, nas encruzilhadas entre vida, teoria, morte e narrativa as novas ferramentas, as outras ferramentas, as próximas ferramentas. Destruir criativamente. Para tornar-se outre é necessário, de forma ritualística, abandonar o armário-casulo; investigar a ferida – das bordas maceradas ao interior de carne e sangue. Imagens-feridas, imagens abertas – e iniciar os processos de cura. Através dos saberes recusados, escondidos; através das misturas proibidas e condenadas; das alianças profanas – habitar o presente com vida, com a potência da força da fragilidade. Asas que carregam também avisos fatais.

3. Friccionando a memória-casulo

Habitar o presente é realizar um gesto político, ético e estético diante das manobras políticas do que T. J. Demos chama de petrocapitalismo (2018): ocupar o agora para que haja algum outro futuro; ocupar com densidade esse presente intempestivo é, também, dobrar e quebrar o dispositivo da história – essa história branca, cishéteronormativa, colonial – e inventar outros e novos modos de vida, de coexistência, de prazer e de lazer.

Ainda tento finalizar uma proposta de apresentar as formas de avaliação que tenho usado nas disciplinas do curso de História da Arte, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A saber: narrativas visuais, ensaios audiovisuais, intervenções urbanas, cartas e reflexões poéticas. Contudo, diante de tantas incertezas vivas, de ruínas, paisagens áridas, relatos de dor e violência, e mais um amigo exterminado pela máquina homofóbica, resolvi responder para mim mesmo como tenho habitado o presente. Para tanto, faço um recuo em minha trajetória, com o objetivo de perceber que os múltiplos “agoras” que vivi, não foram fáceis ou gentis, ao contrário, foram dolorosos, mas também permeados de redes de proteção e cuidados. É um exercício de cura, de expurgar o que me sufoca.

Em artigos anteriores, escrevi sobre questões da minha infância e as marcas subjetivas ao vivenciar um contexto de abusos, violência de gênero e homofobia.

Talvez, por isso, a lembrança da minha graduação se traduza em um momento de cura e encontro. De pluralidade e pulsão de vida. Teoria e prática. Coletividades, intersecções e imaginações políticas.

Estudei todo o ensino fundamental em escolas públicas. Até a quarta série, frequentei a Escola Estadual Coronel Bento de Godoy, instituição na qual minha mãe trabalha até hoje. Lembro de ter sido uma experiência prazerosa, sobretudo por ser muito acarinhado pelas amigas da minha mãe, que também eram professoras. Lembro da professora Cris e da diretora Silvana. Do nosso inesquecível passeio à Goiânia, ao parque Mutirama e ao jardim zoológico. E do privilégio de poder levar para casa, nos fins de semana, os VHSs da escola, como *Mogli (info)* e *O Rei Leão (info)*. Eu escrevia poesias e lia bastante, adaptava histórias e encenava peças. Lembro do “*Batalhão das Letras*”, de Mário Quintana, dos poemas de Cecília Meirelles e dos livros ilustrados de Eva Furnari. De certo modo, naquele período, minha aptidão escolar restituía simbolicamente a homossexualidade futura e ostensiva que meu corpo infantil encarnava. Creio que, também, estar em uma instituição que minha mãe trabalhava, garantia alguma proteção contra insultos e a violência homofóbica.

Quando fui cursar o quinto ano, tive que ir para outra escola. Minha mãe acertou com uma colega uma vaga em uma escola estadual perto da nossa casa, e que possuía muito prestígio por ter uma diretora rígida e disciplinadora. Viajamos no final de 1998 para casa da minha vó, em Mutunópolis, e no começo de janeiro de 1999 fomos à escola para efetivar a matrícula. Uma tristeza e um desespero me arrebataram, quando soube que não havia mais vagas na escola e que eu deveria me matricular no Colégio Estadual Nivo das Neves, inaugurado recentemente e cujo diretor Edilson Mendes⁴ foi assassinado por um estudante no ano de 2006. Atualmente é um colégio dirigido pela polícia militar.

Estudei poucos meses nessa escola e logo consegui uma transferência para outra escola próxima de casa. Foram quatro anos dolorosos. A escola era muito maior e comecei a sentir uma hostilidade em relação a minha performance de gênero. Creio que na sétima série ficamos quase o ano inteiro sem aulas, por conta de uma reforma. Houve um episódio de intoxicação alimentar, em razão do governo estadual querer impor comida congelada como merenda escolar. E frases ditas por professores, que muito me

⁴ Ver: <https://mp-go.jusbrasil.com.br/noticias/2165855/apos-recurso-do-mp-tribunal-do-juri-condena-estudante-pela-morte-de-diretor-de-escola-em-caldas-novas>. Acesso: 01 agosto 2020.

marcaram, como na aula de ciências, em que o conteúdo trabalhado era o corpo humano e reprodução, e ao ser indagado por um estudante sobre sexo anal, a educadora disse que tal prática só poderia ocorrer em “antros de perdição”. Outra vez, na aula de artes, a professora comentou uma notícia de jornal, sobre 10% da população de Goiânia ser homossexual e que, diante de tal dado, ela percebia a aproximação do fim do mundo.

Foi na sexta série, também, que vi meu amigo Allan/Vanessa, ser espancado na porta da escola até sua boca sangrar, sem que nada ou ninguém impedisse, rodeado por adolescentes em regozijo pela violência impetrada contra ele. Em julho de 2015, Vanessa⁵ viveu seu espancamento final, confirmando a triste sina de travestis e transexuais, cuja expectativa de vida é de 35 anos, metade da média da população brasileira em geral.

Internalizei algumas coisas naquele período: provavelmente eu nunca seria feliz e que eu precisava me mandar dali. Como minha coragem não era maior que meu medo, não poderia simplesmente cair na estrada e me virar. Decidi ficar e enfrentar os desafios que viriam, mas havia entendido que eu precisava ir para uma escola de “ricos”, pois eu não queria voltar ao Nivo das Neves.

Fui com meu histórico ao colégio mais tradicional da cidade, e também o mais caro, e quis saber sobre os preços. Obviamente, não haveria a menor possibilidade de minha mãe custear a mensalidade (quase o valor do seu salário de professora da educação básica) e com meu pai eu também não poderia contar, isso eu sabia desde quando ele se recusou a comprar o livro de inglês, na quinta-série. Não sei o que exatamente ocorreu, mas o diretor, um senhor estadunidense, gostou de mim e disse que eu poderia ali estudar. Eu deveria arcar com as apostilas “Positivo”, material didático adotado pelo colégio, de um grupo educacional do Paraná.

Olhando em perspectiva, foi fundamental ter feito o ensino médio no Sete de Setembro, para ampliar minhas imaginações de futuro. Não me recordo de ter ouvido falar sobre universidades ou faculdades durante o ensino fundamental. O que me lembro era de que alguns professores estavam cursando licenciaturas em uma cidade próxima, Morrinhos, e o relato sobre a exaustão que era ter dois turnos completos de aula e a noite se deslocar para outro município para estudar. Esse era um dos motivos que minha

⁵ Ver: <http://www.mpgg.mp.br/portal/noticia/tribunal-do-juri-acolhe-acusacao-do-mp-e-condena-acusados-por-assassinato-de-travesti>. Acesso: 01 agosto 2020.

mãe demorou a ingressar na Licenciatura, iniciando apenas em 2003, com a proposta de graduação em módulos, utilizando o período de férias para aulas intensivas.

Já no ensino médio, os meus professores eram respeitados na vida social de Caldas Novas. Eram médicos veterinários, engenheiros e arquitetos. Também faziam mestrado: na UFG, UFU e UnB. O que era um mestrado? Eu logo queria saber. Recordo que a primeira pergunta, feita no primeiro dia de aula, é que curso iríamos fazer. Os meus colegas já falavam prontamente: Direito, Medicina, Engenharia. Falavam o nome das instituições. Falavam em PAS e PAIES. Eu mal sabia o que era vestibular.

Foi o momento em que percebi com mais clareza minha sexualidade e que, mesmo às escondidas, eu poderia vive-la. Descobri que mais alguns colegas da escola também eram “entendidos”, conheci o mIRC e o ICQ⁶, assim como o videoclipe do lado da escola, que me permitia ver filmes como “*E sua mãe também* (Alfonso Cuarón, 2001)”. Foi um período também de compreensão política sobre minha homossexualidade. Posso dizer que, com orgulho, participei da organização da primeira parada LGBT da cidade de Caldas Novas. O que também, entrelaçados a outros motivos, pode ter custado minha bolsa de estudos. Expulso da escola, por ser um foco de homossexualidade, passei um tempo em Goiânia e voltei para terminar o ensino médio, vejam só, no Nivo das Neves.

Eu já havia passado no vestibular para Comunicação Social, na UFG, e ganhado bolsa para Pedagogia na PUC-Goiás, pelo ProUni, mas as aulas ainda continuavam, pois, o calendário escolar estava atrasado em razão da justa greve docente. Quando ingressei na UFG, passava o dia inteiro no campus Samambaia. Tomava café no Brioche, onde eu também recarregava o *sitpass*. Passando pelo terminal Praça da Bíblia, um lugar muito próximo do apocalipse, eu poderia chegar à universidade pagando 45 centavos, mas às vezes sem um chinelo.

Diariamente frequentava a Biblioteca Central, onde era possível assistir filmes, ler e acessar a internet. Um dia, ao sair da biblioteca, fui abordado por um jovem que, ao ver minha camiseta da organização da parada LGBT de Caldas Novas, me convidou para participar de uma reunião do grupo **Colcha de Retalhos**, um coletivo de estudantes engajados na diversidade sexual. As reuniões aconteciam na Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia, FACOMB, onde eu também estudava.

⁶ Plataformas de sociabilização digital.

Lá eu já conhecia a figura mítica do decenário estudante de jornalismo Lucas Fortuna⁷, nas palavras do professor Juarez: “o maior veado da FACOMB”, portanto, deveria ser muito respeitado. Juarez Maia era essa figura tenra e corajosa, testemunha da ditadura e entusiasta do frescor e das lutas estudantis. Éramos sempre convidados a conversar com sua turma de “Comunicação e Saúde” e, graças ao coletivo **Colcha de Retalhos**, entrei no *hall* das bichas respeitadas. Era muito comum o professor nos pegar pelo braço e nos levar pelo corredor, mostrando aos calouros quem éramos e nossa história na instituição.

Quando concluí a graduação, em 2009, vi bichas e sapatões calouras andando assanhadíssimas pela FACOMB, uma até dando estrelinhas. Naquele momento pensei: algo mudou. Penso isso porque em 2006 tínhamos que ter os mesmos cuidados da infância para transitar pelo mundo heteropatriarcal. Não era incomum sermos chamados de bichas pelos corredores de unidades mais ortodoxas. Ou sermos ridicularizados por estarmos de mãos dadas ou se beijando.

Essa mudança, dentro do campus, se deu com muita ocupação, beijaços, atos, paradas universitárias. Diálogos com a reitoria, com outros movimentos estudantis, como o Canbenas, magnífica mundi e o DCE. De 11 a 14 de outubro de 2007 o “Colcha” realizou o 5º encontro nacional universitário de diversidade sexual, cuja práxis contribui para o surgimento do Ser-Tão: Núcleo de estudos e pesquisas em gênero e sexualidade, onde fiz iniciação científica de 2008 a 2011.

Recentemente li com minha turma do tópico especial em arte contemporânea: corpos, envolvimento e indisciplinas, o texto de Gayle Rubin “*geologias dos estudos queer*”, uma inspiração para minha apresentação. O argumento de Rubin é de que nos estudos de sexualidade, especialmente os chamados “queer”, parecem sofrer de uma eterna invenção da roda. Não que as pessoas ignorem o que já foi produzido e pesquisado. Mas, justamente, por sofrermos uma violência epistêmica que relega para a invisibilidade institucional e teórica o que nossos antecessores produziram.

Por isso retomo minha trajetória e entendo a coragem que precisamos para atravessar o caminho tortuoso que nos espera, independente dos governantes do nosso país. Nunca foi fácil. Se hoje posso partilhar com vocês esses conhecimentos que me

⁷ Lucas, filho do Seu Avelino, o pai de um milhão (Pardal), foi nos tomado violentamente, em 18 de novembro de 2012, em um crime homofóbico. Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=y0mhTcyAdwY>. Acesso: 01 de agosto de 2020.

constituíram, é porque muitos corpos estiveram na linha de tiro, diante do horror e do medo, mas prosseguiram. Tivemos um poderoso tecido de amor, de partilha e de encorajamento que nos trouxeram aqui. Nossas mãos e vozes se engendram, tecem colchas de retalhos e belezas no presente.

Foram muitos encontros, teorias, pesquisas, filas do Restaurante Universitário, passeios pelo bosque, chá das mães, *socializations*, vôlei na casa do estudante, filmes no Cine Cultura, pamonhas e cremes na praça universitária, que nos forjamos. Mas também foi a partir da dor, narrativas infelizmente comuns entre os meus amigos. Na vala comum da memória são enterrados tantos corpos, tantas lutas e vozes. Tantos afetos que se despedaçam e viram paixões tristes. O ódio à criança afeminada ou à menina masculinizada se aproxima agora de nossos corpos adultos. Somos nós, os próximos?

No segundo semestre de 2018, sentado no corredor da Faculdade de Letras da UFRJ, li com estudantes “Por uma vida não fascista”, de Foucault. Não podemos esquecer suas palavras: “Não imaginem que seja preciso ser triste para ser militante, mesmo se o que se combate é abominável. É a ligação do desejo com a realidade (e não sua fuga nas formas da representação) que possui uma força revolucionária (1993, p.199)”. Depois, como um bálsamo, li uma postagem de minha colega de departamento, Cíntia Guedes, em uma rede social:

imagina nós: vc pessoa trans, eu umx negrx. vc com 10% da 'honra' de um varão branco idoso/morto, eu com 10% do valor de preservação vida biológica, social e psíquica de uma mulher cisbranca jovem. e vice-versa. é pouco? é o futuro. é contra isso que #elenão e seu secto se movem. ascenda sua vela, proteja suas amigas e se organize. não adoecer tb é uma forma de guerrear. ESCAPAR DO CATIVEIRO AFETIVO É TRABALHO PARA TODO DIA PRINCIPALMENTE PARA MADRUGADAS. eles vão nos ocupar com suas demandas, vão nos perseguir com suas leis e suas barras de ferro. precisamos desaparecer de suas vistas, sair do foco de suas lanternas de caça, o brilho ofuscante de seus delírios sobre nós nos cega, e o mesmo esforço que temos gastado em desmontar essas imagens PRECISAMOS empenhar para DESAPARECER NA ESCURIDÃO DOS NOSSOS PRÓPRIOS SONHOS. não parar nunca de sonhar e escapar. e escapar para sonhar. e eu sei que está difícil até de dormir e que nossos intestinos andam às voltas com o almoço de anteontem. não tem como romancear, não tem metáfora. está acontecendo. muitxs testemunharam antes de nós, nada disso vale nada se deixarmos de procurar seus rastros, partilhar o que encontramos. a gente precisa de muito mais de 10% de qualquer medida deles. a gente precisa inventar o impossível do tempo (GUEDES, Cíntia. Postagem de 2018 no site facebook).

Eu creio que, assim, consigo habitar o presente.

4. Mutações

Você sabe, pessoas como você são a razão pela qual eu tinha medo de ir à escola quando criança.⁸
Mística, X-Men, 2001.

Figura 1. *Still* do filme *X-Men*, dirigido por Brian Singer, 2001. A oposição entre humanos e mutantes é um dos pontos centrais na narrativa. Os humanos se sentem ameaçados diante de corpos diferentes, estranhos e com capacidades que eles não compreendem. Dessa forma, impõem todo tipo de medida de controle e vigilância, mapeando os mutantes e suas diferenças como forma de manutenção de uma normalidade. A alteridade deve ser, então, contida, domesticada e disciplinada.



Fonte: Print Screen feito pelos autores de X-Men, O Filme, Bryan Singer, 2000.

Durante alguns anos, no colégio, meu apelido era 'borboleta azul'. Raramente falo sobre isso – não por vergonha, mas porque revisitar esse passado é tocar em imagens feridas. Esse apelido me foi dado pelos meninos héteros, que jogavam futebol e basquete, enquanto eu tentava participar daquela sociabilidade pautada pela violência, força, xingamentos e exercício da masculinidade, do 'ser macho'. Os 'apelidos' funcionavam (funcionam?) como categorias, marcações sociais dos corpos, subjetividades, geopolíticas, etc. A minha marcação, desde pequeno, sempre foi essa.: um estranho azul, azul-borboleta, azul-Mística, da mutação, da melancolia; a rasura do azul como marcação de menino.

Eu não tinha o corpo que é exigido/desejado para os meninos héteronormativos, masculinizados – o corpo da força, dos esporte. Eu era gordinho, desajeitado e

⁸ No original: You know, people like you are the reason I was afraid to go to school as a child

expansivo, quase sempre com um short azul, não tinha a disciplina dos movimentos, a voz para os xingamentos nem o vocabulário para ser o que eles eram – eu não tinha as mesmas ferramentas e, ao olhar para trás, desconfio que também não tinha interesse em ser como eles. Tratava-se, obviamente, de uma imposição sociopolítico, sexopolítica. No regime disciplinar da escola, família e igreja (as conhecidas instituições exaustivamente analisadas por Michel Foucault (1993) e seguidores; estudei em um colégio católico, de padres), os corpos devem ser formatados para servir a propósitos esquadrihados – cada estrutura desempenha uma função específica. Qualquer fuga/escape ou mutação deve ser contida e punida.

Habitar aquele tempo, daquela forma, era produzir para si (para mim) um corpo, uma gestualidade e uma performance estratificada, masculina e masculinizante, que correspondesse não apenas aos desejos familiares de um filho como também às expectativas de um grupo social. O casulo, então, era o lugar para onde eu fugia e tramava os agenciamentos simbólicos que me permitiam e possibilitavam existir dentro de um mundo íntimo, particular e utópico.

Uma criança que borra as fronteiras entre o masculino e o feminino é um corpo estranho que deve ser eliminado. Com meus poderes mutantes *imaginários* eu desestabilizava as estruturas rigidamente marcadas. A infância cisheteronormativa é compartimentalizada e o mundo é dividido em imagens e performances de meninos e meninas; meninos *versus* meninas; queimado é para meninas, futebol é para meninos; soldados e carros *versus* bonecas e bichos-de-pelúcia...

'*Borboleta azul*' também vinha de uma borboleta que, volta e meia, aparecia pelos pátios do colégio – grande, com asas de um azul-metálico, quase sempre solitária. O agenciamento simbólico produzido pela heteronorma.

5. Armários assombrados

Nenhum organismo vivo pode continuar, durante muito tempo, a existir sãmente sob condições de absoluta realidade; até mesmo cotovias e esperanças, supostamente, sonham.

Shirley Jackson, *The Haunting of Hill House*⁹

⁹ Tradução nossa. No original: No live organism can continue for long to exist sanely under conditions of absolute reality; even larks and katydids are supposed, by some, to dream.

Para cada armário, uma saída; para cada armário, uma casa assombrada – e casas assombradas, em um registro específico (ou seja, como fantasmas e assombrações são percebidos pela heteronorma), podem ser acolhedoras. Porque, para esses corpos e sujeitos, para nós, todas as casas são assombradas: da família à escola; do banheiro à igreja; do supermercado ao trabalho. Se, por Casa Assombrada compreendemos um espaço político no qual nos sentimos ameaçados, vigiados e podemos morrer... então é um jogo duplo, ambíguo e fantasmático. Nosso próprio corpo, com seus desejos, são casas assombradas para nós. Como habitar um corpo assombrado? As imagens se manifestam como fantasmas em mim, através de mim ou apesar de mim. Minhas asas são imagens; minhas imagens são avisos, *warnings*: não confunda empatia com fraqueza.¹⁰

Nesses processos intensos de investigações, me descobri monstro, monstre, monstra; revirei os acervos/arquivos de outras temporalidades e voltei no tempo: vi os abusos e as amizades, os conselhos e os avisos – revivi. Como Vini escreveu, voltei à larva, aos ovos cuidados por formigas – é um voltar constante, cavar, revelar imagens – somos, sou, um corpo saturado de fantasmas, mas não quero esse exorcismo. Nos interstícios desse processo, destruí muita coisa: muita construção, parques utópicos e imagens. O exercício é ambíguo, duplo, plural: imaginário, ficcional e radicalmente real. Imaginar é fabricar mundos; *pesquisar* é produzir e cuidar de mundos.

O corpo monstruoso, abjeto, recusado e rejeitado: sem forma, informe, a carne, a pele, os cabelos vazam através das molduras; é o corpo sobre o qual o regime heterocapitalista inscreve, como na máquina kafkaniana de punição¹¹, os textos da normatividade; é o corpo que recusa, que não se encaixa, que almeja driblar, de alguma forma, a ditadura ética, estética, política. A Borboleta é uma monstruosidade. A borboleta/mariposa da morte, como anunciado em O Cão Andaluz, há mais de 100 anos. Borboletas e mariposas passam de um estágio ao outro, de um corpo ao outro, de uma vivência à outra – metamorfose, transmetamorfose. Sonhar-se outra, tecer o sonho, produzir o impossível.

Monstruosidades são tecnologias do corpo, da subjetividade, da imagem; resíduos temporais, carnais, fantasmáticos. Esses monstros me trouxeram para os interstícios do real e da ficção. Nesses espaços, nessas fissuras, as narrativas fantásticas

¹⁰ Convoco essa passagem de uma música da Rihanna: all of my kindness is taking for weakness.

¹¹ Kafka, A Colônia Penal.

se abriram como profícuos campos de representações, disputas e negociações entre o normal e o anormal.

A vergonha, o incomodo e a solidão do não pertencimento, então, me conduziram aos lugares e identificações 'estranhas' ou inesperadas com personagens de desenhos animados, apresentadoras de programas infantis e outras fantasmagorias do tipo. As personagens de desenhos animados emprestavam as ferramentas simbólicas (que me faltavam) para a sobrevivência. Músicas, armas encantadas e elaboradas estratégias de fuga de um mundo opressor compunham a utopia imaginária para a qual eu fugia.

Existe, então, convocando Butler (2015), Halberstam (2020), Preciado (2006), entre outros, o fracasso da masculinidade e/ou uma masculinidade fracassada. O conceito, se chega a ser, aborda os corpos que escapam ou não se adequam ao que é, constantemente, exigido do homem: seja macho – leia-se: masculino e masculinizante; dominador e colonizador; pegador; provedor; intimidador; lutador; hétero, cis; branco; capitalista; carnívoro; forte, grosso; hegemônico. As imagens em movimento, sintomáticas narrativas audiovisuais, moldaram minha subjetividade. Não encontrando ressonância nas personagens masculinas, nunca, eu me relacionava com bichos, monstros e mulheres.

O cinema, na sua [perversa] função pedagógica, me ensinou a ser inadequado e, simultaneamente, a acreditar que era possível sair – escapar do dispositivo?... Fazer o corpo dobrar e gozar sobre si mesmo. A sensibilidade alinhada ao que pode ser pensado como uma sensibilidade feminina, na cultura pop e no imaginário, fez com que, desde cedo, essa minha presença fosse marcada como “estranha” – um meio-termo? Um entre? Um corpo que não pertencia a nenhum mundo e que vagava pelos corredores, escadas e cantos da escola. E, em cada canto, em cada espaço, havia um Macho que me apontava: bicha, viadinho, boiola. Enquanto isso, eu colecionava papel de carta e adesivos.

Como anunciou a professora de artes do Vini, diante do aumento da população LGBTQI+, o fim do mundo estava chegando. Em um ponto ela tinha razão: o fim desse mundo cisheteropatriarcal, branco, racista e lgbtqifóbico, continua chegando.

6. Fuga

Agosto/Setembro de 2001. Anos depois de ter escapado, sobrevivido ao colégio.

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ.

Acendo um cigarro.

Minha amiga fala que eu fumo como viado; que eu tenho que fumar como homem. Como os homens héteros fumam? Como eles seguram o cigarro, como eles trazem? O heterocapitalismo é uma máquina de destruição e homogeneização. não podia ser bicha, não podia ser afeminado. Não há espaço para as borboletas fora das caixas de madeira e vidro das taxonomias da entomologia.

Os títulos que me foram dados no colégio, boiola, baitola, pederasta e Borboleta Azul, entre outros... essa constelação de xingamentos, na infância e pré-adolescência, reafirmou a função de separar, dividir e hierarquizar do regime heterocapitalista. Durante muito tempo tentei forçar meu corpo e minha subjetividade – minhas experiências, devires, personalidade, o que quer – nas estreitas e sufocantes margens que me eram, constantemente, impostas sob o disfarce de oferta.

No atual jogo de estratégias e luta pelo domínio do simbólico – de acordo com Preciado no pequeno texto *Saberes Vampíricos* – produzir-se, saber-se e conhecer-se é produzir um saber sobre o corpo, sobre os corpos; é um exercício teórico, resgatando e contaminando Foucault e Barthes, de nomear o infame, me nomear e, em seguida, me perder na multidão *queer-freakbicha-lésbica-trans*, na multidão na qual eu me reconheço; não me encontrar no meu espelho e sim em outros espelhos embaçados pelos vapores do sexo, da maconha, do cigarro, do calor tropical que se alastra por essa cidade a cada dia...

A instabilidade do corpo, as possibilidades de agenciamentos – mas quem ou o que sou eu? O que é ser bicha? A afeminada, a pão-com-ovo, a bicha gorda, a pobre, negra, suja... esses corpos constituem um outro campo de resistência – resistência? Reexistência? Apaga-se, lentamente, a dinâmica do Homem, do Macho (que curte Macho), as reverberações heterocapitalistas dos corpos.

Aberturas

A primeira tentativa de terminar este texto surgiu em 2018, quando submeti a proposta ao Simpósio Temático “Cinemas Pós-Coloniais e Periféricos”, na Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual - Socine de 2018, realizada em Goiânia,

Goiás. À época o título provisório era “Envolvimentos, redutos e indisciplinas no presente” e estávamos em maio de 2018. A ideia inicial consistia em apresentar uma divulgação preliminar da minha pesquisa em curso, “formas de habitar o presente”. Em linhas gerais, o interesse maior se dava na produção de saberes disruptivos, insurgentes, rebeldes e que confrontem as noções e narrativas coloniais estruturantes da sociedade brasileira. Para tal esforço é necessário entender como os sujeitos constituem redes epistêmicas, artísticas, coletivas e de sobrevivência.

Diego Paleólogo e eu escrevemos, em 2017, a introdução do dossiê da revista *Imagofagia*, com o mesmo título da minha pesquisa, “habitar o presente”, o que para nós se assemelha a uma tatuagem, uma pichação, uma re-in-existência: as colaboradoras e colaboradores foram enredadas a partir dos espaços afetivos e geopolíticos que ocupam na vida dos editores – encontros, trocas, curtir posts, compartilhamentos e salvaçãoes. Amizades e parcerias que se desenvolveram com e no tempo das pesquisas e das teses.

Articular essas temporalidades é acessar e ativar os passados como modos e módulos de operação do e no presente. A Borboleta/Mariposa enquanto uma tecnologia de sobrevivência que não responde às demandas da crononormatividade: o tempo próprio do casulo, deixar de ser, tornar-se outra – das superfícies porosas e rugosas aos voos erráticos. Asas frágeis cujos desenhos servem para enganar, atrair, amedrontar – poderosas inscrições nos corpos.

Transitar entre as experiências dos corpos. Vinícios Ribeiro e eu (e outras vozes que não aparecem aqui, mas que ouvimos...) costuramos esses textos, esses tempos e essas vivências em corpos e redes de afetos. Cruzar esses tempos como a insólita e política *roadtrip* de *Para Wong-Foo, obrigada por tudo, Julie Newmar! (Beeban Keedron, 1995)*; jogar-se no abismo para voar, imaginar as asas de um unicórnio alado surgirem nas laterais de um carro; dinamitar o imaginário.

Referências

ABREU, Caio Fernando. **Pedras de Calcutá**. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

BRAIDOTTI, Rosi. **Nomadic Subjects: embodiment and sexual difference in contemporary feminist theory**. Columbia University Press. New York, 1994.

BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?**. Tradução de Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

FOUCAULT, Michel. **O Anti-Édipo: uma introdução à vida não fascista**. *Cadernos de Subjetividade* / Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. – v. 1, n. 1 – São Paulo, 1993, páginas 197 a 200.

HALBERSTAM, Jack. **A Arte Queer do Fracasso**. CEPE, Recife, 2020.

JACKSON, Shirley. **The Haunting of Hill House**. Penguin Classics, 2009.

KAFKA, Franz. **Na Colônia Penal**. Antofágica, Rio de Janeiro, 2020.

MURARI, Lucas; SOMBRA, Rodrigo. Entrevista: T.J. Demos. “O antropoceno é um meio para corporações e estados manterem o atual imperativo global quando se trata de governança climática”. **Revista Imagofagia**, n. 17, 2018. Disponível em: <http://www.asaeca.org/imagofagia/index.php/imagofagia/article/view/1585>. Acesso: 01 agosto 2020.

PRECIADO, Paul B. Saberes_vampiros@War Donna Haraway y las epistemologías cyborg y decoloniales. **Revista Vozal**, 2006. Disponível em: <http://revistavozal.com/vozal/index.php/saberes-vampiros-war-donna-haraway-las-epistemologias-cyborg-y-decoloniales>. Acesso em: 20 maio. 2020.

ROSE, Philip. **Benjamin Now: Critical Encounters With the Arcades Project**. Disponível em https://monoskop.org/images/e/e2/Boundary_2_Spring_2003_Benjamin_Now_Critical_Encounters_With_the_Arcades_Project.pdf. Acesso em: 20 maio 2019.

RUBIN, Gayle. Geologias dos estudos queer: um déjà vu mais uma vez. **Soc. e Cult.**, Goiânia, v. 19, n. 2, p. 117-125, jul./dez. 2016.

Sur_viving, an essay:

Friction of Butterflies

Abstract: This essay aims to articulate the tensions of past experiences of the authors, personal archive images and images of audiovisual narratives of pop culture. From the strategy of the assembly and the subjective and essayistic construction of a narrative, we investigate our experiences, infancy and affective relations. What marks this dive in the images are the epistemologies that emerge from our pedagogical practices: adventures in other epistemological strategies, refusal and disorganization of the colonial knowledge of the body. If politics is the practice of visibility, the sensible must emerge from singular experiences that can be expanded to the collective. Butterflies hybridize as bodies that intersect, become contaminated, and separate - which images define us? What memories do we have the ability to rescue and re-present?

Keywords: Friction of butterflies; reparation; healing.

Recebido: 10/05/2020

Aceito: 20/08/2020



REBEH

REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS DA HOMOCULTURA